

Francisco de Sales

UM MESTRE DE ESPIRITUALIDADE



Joseph Aubry



Francisco de Sales

UM MESTRE DE ESPIRITUALIDADE



Todos os direitos reservados

EDITORA DOM BOSCO
SHCS CR - Quadra 506 -
Bloco B
Sala 65 - Asa Sul 70350-525
Brasília (DF)
Tel.: (61) 3214-2300
www.edbbrasil.org.br

Sumário



7 Prefácio

I - BIOGRAFIA DE FRANCISCO DE SALES

14 Pequena vida de um grande santo

II - MESTRE DE ESPIRITUALIDADE

18 Pastor para sua gente (1602-1622)

22 Três escritos de espiritualidade

25 Caminho para todos

III - PRIMAZIA DO AMOR

30 Coração feito para Deus

33 Fé traduzida em vida

35 Disciplinar o coração, não o corpo

IV - DOM BOSCO E FRANCISCO DE SALES

38 Encontro fecundo

41 Afinidades entre dois santos

V - NAS TRILHAS DE UM SANTO

- 48 Doutor do amor
- 55 Família Salesiana hoje
- 57 Hino a São Francisco de Sales
- 59 Cronologia de São Francisco de Sales

Prefácio

A IGREJA DE JESUS CRISTO é fundada sobre os apóstolos, tendo o



mesmo Cristo como pedra angular. “Creio na Igreja apostólica”, professamos nós no Credo. Sucessores dos apóstolos, os bispos têm, nas comunidades cristãs que presidem na caridade e na unidade, a missão de serem a *base*, as *pedras angulares*. “Nada se faça sem o bispo”, dizia Inácio de Antioquia (±50-110) à comunidade cristã de Magnésia. “Onde está o bispo, aí está a Igreja de Deus”, afirmará a comunidade de Esmirna, em sua viagem rumo ao martírio.

Segundo o profeta Ezequiel, é Deus quem vai suscitar, na comunidade de Israel, pastores segundo o seu coração. Tais pastores irão apascentar o povo. Eis que o Espírito Santo jamais deixou faltar, na Igreja, os homens apostólicos que a conduziram segundo o coração de Cristo, o apóstolo do Pai. Criatura do Espírito, a Igreja foi sempre ornada de Santos Pastores.

Francisco de Sales foi, antes e acima de tudo, um bispo segundo o coração de Jesus. Sua vida coloca-se na trilha dos grandes bispos que o precederam no pastoreio do povo de Deus. Ele brilha no rol da sucessão apostólica juntamente com Pedro e Paulo e os demais apóstolos. Deles herdou a tenacidade apostólica e o vigor

do seguimento.

Francisco de Sales segue a Inácio de Antioquia, cuja entrega pela causa do Evangelho fez dele um pastor para todos os tempos. A coragem de Atanásio (296-373) em sua missão apostólica junto aos arianos, vamos encontrá-la em Francisco na sua ação pastoral com os calvinistas. A sabedoria dos capadócijs, bispos preparados por longos anos de estudos, está presente na vida de quem, após profundos e longos estudos, tudo renuncia para “fazer-se tudo para todos, a fim de salvar a todos”. O amor pela vida espiritual das virgens e das mulheres, apanágio da ação pastoral de um Ambrósio de Milão (340-397), encontramos-lo em seu longo ministério de fundador e de diretor espiritual. A leitura histórica da ação de Deus no mundo, trato fino do pensamento de Agostinho (354-430), está presente na vida e na ação de Francisco, um pastor que soube ler e interpretar o seu tempo. De Agostinho, perspicaz intérprete da mensagem do amor e de sua vivência, herda Francisco em sua obra-prima, o *Tratado do amor de Deus*, os traços essenciais. O amor, para Francisco, é a vocação da criatura humana e a substância do seu coração. O sentido do universo, da história e de cada ser humano é o encontro com Deus que nos procura com amor eterno. Desse amor de Deus jorram a capacidade humana e a sua vocação para amar.

A Igreja de Deus é santa. Nos santos e nas santas que vão pontualizando a história, balizando-a com ações concretas de amor, descobrimos a orientação que Deus quer dar ao mundo e a essa história. Francisco deu novo rumo à Igreja do seu tempo, mudando a história a partir do lugar concreto em que o Espírito o colocou como bispo. Para seu povo ele realizou o que Ambrósio disse num sermão de comemoração de sua ordenação episcopal: “Vocês são minha mãe, meus irmãos e irmãs, meus filhos e filhas...”. Tornou concreta a frase de Agostinho: “Para vocês eu sou bispo, com vocês eu sou cristão”. Um bispo santo, o maior tesouro para uma comunidade cristã convocada a ser “santa como santo é o Pai dos céus”.

Francisco viveu em um contexto difícil do século 17. Estamos

no imediato período pós-Concílio de Trento (1545-1563). Numa época de apologética cerrada, realiza sua pastoral numa atitude irênica, semeada de doçura e compreensão. Em cada pessoa que cruzava o seu caminho, Francisco via alguém destinado à salvação. “Uma alma vale uma diocese inteira”, foi a expressão que orientou toda a sua vida. Tal obstinação na procura do bem de seus filhos e filhas fá-lo inovar apostolicamente. Quando a imprensa começava a propagar-se, o bispo apostólico inventa “as folhas volantes”, colocando à disposição de todos o que era objeto de suas pregações. Essas folhas eram verdadeiras mensagens de catequese em pequenas doses.

O trabalho intenso e a dedicação extrema ao povo de Deus não são impedimentos para uma intensa ação espiritual. Francisco de Sales, como os grandes bispos da Igreja dos primórdios, é um verdadeiro mestre de vida espiritual. Em dez anos, escreve um tríplice itinerário psicológico-espiritual de vida cristã: *Filotéia*, *Teótimo* e *Conversações espirituais*. Nessas obras atinge os diversos destinatários de sua missão de bispo, do cristão ou cristã imerso na vida ordinária até aquele que deseja viver mais intensamente o seguimento de Jesus Cristo. Chega mesmo a propor, nas *Conversações espirituais*, uma nova forma de viver a radicalidade da vida consagrada. Essa forma está na base da intensa espiritualidade de Paray-le-Monial, onde Margarida Maria Alacoque (1647-1690) recebe as mensagens de vida e de amor do Coração de Jesus.

As obras espirituais de Francisco de Sales são práticas, oferecendo ao cristão e à cristã que se propõem a seguir Jesus Cristo um movimento dinâmico de crescimento contínuo. Esse modo de agir faz de Francisco um diretor espiritual que assume a pessoa situada, em sua condição concreta. A fé traduzida em obras, que ele propõe em *Filotéia* e *Teótimo*, destinadas a cristãos e cristãs imersos no mundo eivado de humanismo paganizante. Nessa realidade, seria tão fácil dissociar fé e vida. Inculturando a mensagem e introduzindo a vida cristã no coração do mundo, Francisco conduz os seus fiéis

a aceitarem as estruturas autônomas do mundo e a introduzirem nelas a luz da sua fé e o vigor do seu amor. Francisco sabia que uma fé distante da vida e dos deveres cotidianos é uma fé ilusória. E o Vaticano II (1962-1965) confirmou essa orientação, quando disse em *Gaudium et Spes* 43 que os cristãos e cristãs devem

desempenhar todas as suas tarefas terrestres unindo os esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos em síntese vital com os valores religiosos, sob cuja soberana direção todas as coisas são coordenadas para a glória de Deus.

A ação espiritual de São Francisco de Sales não quer atingir somente uma elite de cristãos e cristãs. Quer chegar a todos. Embora saiba que não pode esperar os mesmos frutos de todos, ele aceita que alguns de seus fiéis tenham necessidades especiais e a estes dirige de modo mais preciso a sua atenção. Todos podem receber esse carinho especial. Basta que tenham um coração generoso, capaz de amar. É suficiente que sejam “*philo-theós*”, ou “*theós-timo*”, isto é, “devotos” e “enamorados” de Deus. Cada alma tem sua história e seu segredo. É amada por Deus em todo momento, pois Deus a toma exatamente no ponto em que se encontra, fazendo-a dar um passo adiante. Para crescer na vida espiritual, o cristão ou a cristã não podem parar. O importante é ir adiante e não estacionar na mediocridade.

Como crescer? Como caminhar sempre? O caminho é deixar Deus trabalhar, por seu Espírito, em nossos corações. Francisco de Sales resume sua espiritualidade do crescimento em uma frase do *Teótimo*: “O ser humano é a perfeição do universo, o espírito é a perfeição do ser humano e a caridade é a perfeição do amor. Eis por que o amor de Deus é o fim, a perfeição e a excelência do universo”.

Francisco entendera o que de maior e melhor existe na mística cristã, cuja grandeza é dada pela mística do amor. Essa mística foi

vivida em plenitude por Jesus no “eis o meu mandamento: amai-vos como eu vos amei”. Foi expressa em palavras, versos e atos por Paulo, Agostinho, Francisco de Assis, João da Cruz, Teresa de Ávila, Dom Bosco, Teresinha de Lisieux, Teresa de Calcutá e tantos outros. Este amor procede por etapas: da complacência passa à benevolência, desta à submissão até chegar ao amor transformante. A pessoa que recebe a graça de assumir esse itinerário, poderá dizer com Paulo: “Não sou mais eu que vive. É Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Francisco propõe o amor de Deus como profissão de fé que o traduz em vida. Ele compreende que a grandeza da graça de Deus consiste no dom de permitir que a criatura humana possa escolhê-lo e acolhê-lo com um coração afetuoso. O amor de Deus leva o fiel, a fiel, a realizar, com amor, as pequenas ações do seu dia-a-dia. Ele resume essa espiritualidade numa frase das *Conversações*: “Sofrer uma repreensão com dois gramas de amor é muito mais meritório que sofrer o martírio com um só grama de amor”. Essa grandeza de vida consiste em disciplinar o coração, não o corpo. A santidade que daí brota é a manifestação mais lídima da presença e da ação de Deus na história.

Francisco de Sales produziu muitos frutos de vida, glorificando o Pai (cf. Jo 15,8). Dom Bosco (1815-1888), conterrâneo de Francisco de Sales – a Sabóia, onde nasceu o nosso santo, pertencia à época de Dom Bosco ao grupo de estados sardos, e não à França. São Francisco de Sales era um santo muito popular em todo o Piemonte, sendo um dos patronos do Colégio Eclesiástico, onde ele viveu seus primeiros anos de sacerdócio. Francisco de Sales era um dos santos presentes no início da caminhada apostólica de Dom Bosco, como fora em toda a sua formação. É dele que Dom Bosco retira os traços mais significativos de seu carisma, sendo o seu nome dado aos que se puseram no seguimento de Jesus Cristo pelo exemplo de João Bosco.

Como São Francisco de Sales, também São João Bosco assume a mística do amor para o trabalho com a juventude. Como Francisco,

também Dom Bosco é padre na totalidade de sua vida e de sua ação. Como bispo, Francisco, como padre, Dom Bosco, ambos amaram e serviram à Igreja com todas as suas forças. Pregam e vivem tal fidelidade em meio a contrastes e a duros sofrimentos. Os obstáculos não impediram sua entrega total a Deus e à própria missão, amando totalmente Deus e homem. Ambos fazem do amor sua meta de vida e a razão de sua prática pastoral. Ambos, conduzidos por um amor sem fronteiras, inovam em suas práticas pastorais.

Francisco de Sales, mais que um nome, torna-se um modo de viver o seguimento de Jesus Cristo. O livro que você começa a ler pode parecer pequeno no número de suas páginas. Em suas intuições e em suas lições, é um compêndio. Provocador, quer fazer com que, você também, sinta-se um filótimo, um teótimo, isto é, um “amante” de Deus, um “enamorado” do Pai. Poderemos compreender, um pouco mais, “com os santos, qual a largura, o comprimento, a altura, a profundidade... do amor de Cristo, que ultrapassa todo o conhecimento, para sermos repletos da plenitude do Pai” (Ef 3,18-19).

Padre Geraldo Lopes, SDB
Professor de Teologia Patrística

I

*Biografia de
Francisco de Sales*

Pequena vida de um grande santo

FRANCISCO NASCE no castelo de Sales, em Torens, ducado da alta



Sabóia,¹ dia 21 de agosto de 1567, primogênito de Francisco e Francisca de Boisy. O pai tem 44 anos, a mãe 15. Terá doze entre irmãos e irmãs, cinco dos quais morrerão pouco depois do nascimento.

O período de seus estudos é muito longo e transcorre em três etapas. A primeira, nos colégios de La Roche e de Annecy, onde já lhe nasce a vocação ao sacerdócio. Depois, em Paris, no colégio dos jesuítas. Por fim, quatro anos em Pádua, para laurear-se “doutor em direito civil e canônico”, em 1591. Nesse meio tempo estuda também teologia.

Revela-se, em todas as etapas, muito dotado. Inteligência brilhante, caráter tenaz, sereno e afável, de um fascínio incontestável, e sobretudo devorado pelo amor de Deus.

Sacerdote: pastor e missionário. Recusa o noivado e o cargo de senador que lhe é oferecido. Desfazem-se assim os sonhos de

¹ Ou Savóia. Hoje essa região pertence à França. Ver explicação do autor às páginas 19

grandeza humana acariciados por seu pai. Nomeado deão do cabido da catedral de Annecy,² recebe as ordens sagradas e se torna sacerdote em 18 de dezembro de 1593. Passa os primeiros anos do seu sacerdócio empenhado em extraordinária batalha missionária no Chablais calvinista:³ a pregação corajosa, o método de diálogo paciente e a oração serão determinantes para a volta de Thonon e do Chablais à fé católica.

Seu bispo o envia a Roma para tratar de negócios da diocese. Dia 24 de março de 1602, é nomeado bispo coadjutor. Nesse mesmo ano vai a Paris para dirigir a restauração do culto católico na região de Gex, parte da diocese que se tornara francesa. Em nove meses de permanência conquista a capital.

Príncipe-bispo de Genebra. Ordenado bispo em 8 de dezembro de 1602, torna-se o bom pastor no meio do povo: visita incansavelmente suas 450 paróquias, forma seu clero (dirá que “a ciência é o oitavo sacramento do padre”), reforma os mosteiros, catequiza as crianças, passa horas no confessional. Dialoga ainda com os calvinistas, prega durante o Advento e a Quaresma em muitas cidades da Sabóia e da França, exerce a direção espiritual por palavra e por escrito, intervém nas disputas teológicas. Com seu amigo senador Antônio Favre funda a Academia Florimontana, e em meio a todas essas ocupações publica em 1608 *Introdução à vida devota (Filoteia)*, e em 1616 o *Tratado do amor de Deus (Teótimo)*.

Funda a Ordem da Visitação de Maria. Em 1604, conheceu em Dijon a baronesa Joana Frémyot de Chantal, de 32 anos, viúva com quatro filhos. Do encontro nasceu uma amizade espiritual ex-

² O deão, ou decano, presidia o conselho dos presbíteros de uma paróquia ou diocese. (nota do editor)

³ Nessa região, fronteira com a Suíça, já havia se espalhado a doutrina do protestantismo pregado por Calvino, religioso francês refugiado na cidade de Genebra, que se tornou uma das capitais do protestantismo na Europa. Calvino morreu em 1564, três anos antes do nascimento de Francisco de Sales.

cepcional. Em 1607, Francisco revela-lhe um projeto: fundar uma ordem de tipo novo, de religiosas contemplativas, mas dispostas a acolher meninas e viúvas, e autorizadas a sair do mosteiro para visitar os doentes e os pobres. A ordem foi fundada em 6 de junho de 1610. Mas, em 1618, pela intransigência das normas canônicas impostas pelo primaz da França Denis Marquemont, foi suprimido qualquer apostolado externo.

Últimas viagens. O duque Carlos Emanuel I de Sabóia manda Francisco a Paris para promover o matrimônio do príncipe herdeiro Vítor Amadeu com Cristina de França, irmã do jovem Luís XIII. Aí ficará cerca de dez meses. Em meio a um sem-número de situações intrincadas, permanece, principalmente, missionário: prega incansavelmente, encontra-se com Vicente de Paulo, madre Angélica Arnaud e Richelieu. Funda em Paris um mosteiro da Visitação, mas recusa o convite para coadjutor do cardeal arcebispo.

Em 1622, teve de enfrentar outra viagem penosa: devia receber os reis de França em Avinhão e depois acompanhá-los subindo o rio Ródano até Lião. Hóspede das Visitandinas de Bellecour em Lião, encontra-se pela última vez com madre Joana de Chantal, e morre de hemorragia cerebral dia 28 de dezembro.

No dia 24 de janeiro de 1623, Annecy celebra seus funerais solenes, e o corpo é transportado para o mosteiro da Visitação.

Será canonizado por Alexandre VII no dia 19 de abril de 1665. Muito mais tarde, em 1877, Pio IX declara-o “doutor” da Igreja, o primeiro de língua francesa.

Esta é a vida do patrono da Família Salesiana, extraordinariamente rica e densa. Procuraremos agora focalizar os traços principais de sua fisionomia e compreender por que Dom Bosco foi inspirado ao escolhê-lo como protetor e modelo.

II

*Mestre de
espiritualidade*

Pastor para sua gente (1602-1622)

ANTES DE TUDO BISPO. Francisco de Sales não é bem conhecido



como deveria. Tradicionalmente é tido como teólogo, místico, escritor espiritual, diretor de almas, fundador de uma ordem religiosa. Certamente foi tudo isso e de maneira excelente. Mas nenhuma dessas qualificações define-o diretamente. Exerceu todas essas atividades dentro de uma atividade mais fundamental, a de bispo.

Para julgá-lo corretamente é preciso vê-lo antes de tudo como grande homem de ação, apóstolo devorado pelo zelo, bispo incitado pela consciência das suas responsabilidades de pastor de almas, totalmente doado ao povo que Deus lhe havia confiado.

O interesse marcante da sua espiritualidade deriva do fato de ter formulado uma doutrina, uma psicologia e uma mística da ação cristã. Nele se fundiram de maneira admirável dois dotes que raramente se encontram unidos: pensamento vivo e atividade intensa, animados ambos por uma vida espiritual de notável profundidade.

A biografia que esboçamos revela claramente a primazia do pastor, do sacerdote, do bispo na vida de Francisco. Morreu relativamente jovem, aos 55 anos! Ordenado sacerdote aos 26 anos,

após longos e sérios estudos em Paris e em Pádua, poderá exercer somente por vinte e oito anos a atividade ministerial, cinco como sacerdote, quatro dos quais como missionário no Chablais. Durante vinte anos será príncipe-bispo de Genebra. Podemos dizer que sua vida foi o seu episcopado.

Contexto histórico. Devemos observar que seu serviço foi intenso e movimentado, porque se desenvolveu em um contexto histórico particularmente complexo. Teve a vida apostólica estreitamente ligada à política do seu príncipe, duque Carlos Emanuel de Sabóia, o qual desejava reconstruir a unidade religiosa dos seus Estados. Mas em 1601, com o tratado de Lião, uma parte da diocese de Annecy (Gex) tornou-se francesa. Isso o obrigou a entrar em relação com a França: com as autoridades políticas (Henrique IV e sua corte), religiosas (os bispos), espirituais (a senhora Acarie, uma mística extraordinária; Pierre de Bérulle; Vicente de Paulo). Por duas vezes lhe ofereceram o arcebispado de Paris!

De outro lado, é bispo de Genebra, mas exilado em Annecy. Encontra-se, pois, no centro dos contrastes entre católicos e protestantes e das controvérsias provocadas pela Reforma. Trabalha sem trégua pela reconciliação, pela reconquista espiritual da sua cidade episcopal (por ordem do papa Clemente VIII se encontra três vezes com Teodoro Beza, o sucessor de Calvino), pela unidade da fé em sua diocese.

O Concílio de Trento havia-se encerrado em 1563, quatro anos antes do seu nascimento. Mas em 1600 a reforma católica conciliar não tinha ainda atingido o clero, ambicioso e ignorante, nem os mosteiros, espiritualmente em decadência, e o povo cristão, pouco evangelizado. Francisco procurará fazer em Annecy o que Carlos Borromeu (1538-1584) fizera em Milão.

Além disso, era o momento em que se estavam recolhendo os frutos da Renascença, o grandioso movimento que exigia urgente a superação das formas e estrutura feudais e medievais. Francisco será um “moderno”, captando as instâncias do seu tempo. Em tal

contexto extremamente difícil, Francisco de Sales foi pastor desejoso de conduzir seu rebanho pelos caminhos da santidade.

Confronto com os calvinistas. Já desde 1534, a cidade de Genebra havia-se tornado a cidadela do protestantismo. Calvino com sua doutrina havia contagiado toda a região. Com a supressão da fé católica, devastações e mortes: igrejas destruídas, culto proibido, sacerdotes facciosamente expulsos ou eliminados. No tempo de Francisco de Sales, o território do Chablais estava, fazia mais de meio século, sob controle calvinista: dominava aí a figura de Teodoro Beza, sucessor de Calvino. Vãs as tentativas de penetração pacífica: havia desânimo e medo no coração de todos os fiéis residentes na alta Sabóia.

Francisco aí chegara trazendo consigo poucas coisas. Entre elas o *Breviário* para a oração, o *Catecismo* de Roberto Bellarmino para a pregação, a *Bíblia* para o inevitável confronto e contestação. Os inícios foram difíceis, incertos os contatos e encontros. Antes, desconfiança, obstinação em muitos, ameaças. Até de morte fora ameaçado o jovem missionário por causa de sua audácia. Francisco, porém, procurou primeiro conquistar o favor dos simples e dos humildes: bastara-lhe a presença de uma velhinha na sua primeira pregação para sair-se com uma feliz expressão: “Uma alma vale uma diocese inteira!”.

Depois souou a hora de Deus também para os mais relutantes. Se nos primeiros debates em público o encontro era frontal, depois, nas conversações frente a frente, a desconfiança cedia, e prevalecia a gradual abertura de ânimo. Primeiro às ocultas, depois também às claras, os próprios militantes fanáticos do calvinismo curvavam-se à sua pregação, feita de convicção no conteúdo, de doce firmeza nos modos.

Os bons êxitos reconheceu-os humildemente o próprio Francisco. Escrevendo ao papa Clemente VIII, não hesitou em dizer: “Apenas cem eram católicos no território do Chablais, no fim eram só cem os protestantes que se podiam contar!”.

Antecipando de alguma maneira as diretrizes do Vaticano II, Francisco desde os tempos da Contra-Reforma não assumiu, no confronto com os protestantes, os tons polêmicos do tempo. Outra foi a arma empunhada pelo hábil “esgrimista”: a doçura e a compreensão. Na pessoa que o insultava, Francisco descobria uma alma a ser salva. Somente assim se explicam as conversões em massa alcançadas pelo jovem bispo. Du Perron, amigo do santo, dizia: “Se quiserdes que os protestantes discutam, trazei-os a mim. Mas se quiserdes que se convençam e convertam, levai-os ao bispo de Genebra”.

Apóstolo e comunicador. Uma de suas primeiras missas celebradas em território de missão foi em honra do Espírito Santo. Foi precisamente nessa circunstância que lhe ocorreu uma idéia luminosa. Pensava: se os opositores não quiserem aplicar os ouvidos, seus olhos é que deverão ler-me! E compôs as chamadas “folhas volantes”, verdadeira antecipação dos manifestos-murais e dos folhetos de propaganda. Meios rápidos de difusão das idéias contendo as verdades da fé em síntese: mensagens de catequese em pequenas doses. Com a alegre cumplicidade dos meninos, seus coroinhas, as folhas eram enfiadas por debaixo das portas das casas, para depois serem lidas furtivamente e discutidas com animosidade.

Vieram depois os densos debates em campo aberto, onde o triunfo da verdade geralmente levava a melhor. Francisco não se poupava. Depois de algum tempo, seu apostolado foi felizmente compartilhado por alguns colaboradores, como o padre Querubim, capuchinho, e seu jovem irmão Bernardo, que o ajudou num debate em forma de diálogo, no qual Francisco fazia a parte do fiel que retornava ao catolicismo.

Como coroamento da atividade apostólica celebraram-se as Quarenta Horas⁴ em Annemasse (1597) e a festa de *Corpus Christi* em Thonon (1598). Foi como um pequeno congresso eucarístico,

⁴ Prática popular de adoração ao Santíssimo Sacramento ao longo de três dias consecuti-

ainda mais em terra de missão.

Três escritos



de espiritualidade

FRANCISCO EXPÔS o melhor de sua doutrina em três grandes obras espirituais: *Introdução à vida devota* (ou *Filotéia*), 1608, edição definitiva em 1619; *Tratado do amor de Deus* (ou *Teótimo*); e *Conversações espirituais* (*Entretiens*), publicação póstuma. Não quis ser considerado um literato. Se falou e escreveu, foi sobretudo por inspiração, por dever de estado, sob a pressão das urgências apostólicas e da experiência pastoral.

Introdução à vida devota pertence à fase mais estritamente saboiana do seu episcopado. Revela-nos um Francisco de Sales diretor de almas, educador, guia do homem ou da mulher que querem viver uma vida cristã autêntica na diversidade das ações da vida do dia-a-dia.

Tratado do amor de Deus é um livro de síntese. É fruto de intensa atividade episcopal. Os anos 1607 a 1616 foram de contato direto com bispos da Sabóia, de Roma ou da França, com sacerdotes,

com almas devotas, paroquianos das cidades ou das montanhas. Por seis anos dirigiu as visitandinas. Ao longo desses dez anos, o pensamento de Francisco amadureceu e esclareceu-se. Escrever, para ele, tornou-se um remédio para o acúmulo de atividades, um meio para colher o fruto de suas experiências e comunicá-las.

Por fim, *Conversações espirituais* (1629), publicadas aos cuidados da baronesa de Chantal, são as respostas a perguntas realmente feitas pelas visitandinas, nos encontros freqüentes que manteve com elas de 1611 a 1622: uma espécie de direção espiritual comunitária feita em tom confidencial.

Tríplice itinerário. Tais obras, quase contemporâneas, são como três projeções ou três formulações de um mesmo pensamento, diversificado conforme os destinatários. *Filotéia*, da *Introdução à vida devota*, é a cristã imersa na vida cotidiana. *Teótimo*, do *Tratado do amor de Deus*, é o cristão, leigo ou religioso, que quer ir além da simples introdução à vida cristã e caminhar rumo à perfeição. Nas *Conversações*, Francisco dialoga com as religiosas de tipo novo que ele queria introduzir na Igreja.

As três obras nascidas da atividade pastoral são totalmente orientadas para a vida e a ação. Constituem um tríplice itinerário psicológico e espiritual oferecido ao cristão no dinamismo da sua existência e da sua fé: a *vida cristã* é vida, é movimento, é crescimento da pessoa historicamente situada. Nisso Francisco de Sales é um “moderno”, e hoje as nossas iniciativas pastorais se ligam às suas.

Filotéia e *Teótimo* eram cristãos expostos à influência do humanismo pagão do tempo e corriam o perigo de dissociar vida e fé. Essa tentação é muito atual: chama-se secularismo. Esse fenômeno inelutável exige que os fiéis aceitem as estruturas autônomas do mundo, mas vivam nelas com toda a luz de sua fé e toda a intensidade do seu amor. O Concílio Vaticano II exorta-os a

desempenhar todas as suas tarefas terrestres, unindo os esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos em síntese vital com valores religiosos, sob cuja soberana direção todas as coisas são coordenadas para glória de Deus (*Gaudium et Spes* 43).

Uma fé distante da vida e dos deveres cotidianos é uma fé ilusória. E Francisco de Sales nos ensina que essa síntese vital se consegue com o coração e com o amor, mas na diversidade das situações.

Caminho para todos

ELITE ESPIRITUAL? A experiência pastoral e espiritual convenceu



Francisco de que existe uma hierarquia espiritual entre as pessoas. Deus ama certamente todas as suas criaturas, e seu Filho morreu por todos os homens. Francisco sustentará esta verdade então desconhecida: o chamado evangélico à perfeição do amor é único e universal, igual para todos.

Mas as vocações concretas são subjetivamente diversas: cada um responde com sua capacidade. As causas têm diferentes motivos: diversidade de dotes naturais, caráter, educação, ambiente, relações. Diversidade também no modo mais ou menos generoso com que reage a liberdade humana. Devida, enfim, ao mistério da liberalidade divina, mais ou menos abundante para cada um. É preciso instruir, estimular, educar cada alma individualmente. Um pastor de almas sabe muito bem que não pode esperar os mesmos frutos de todos, e que alguns têm necessidade de atenções particulares.

Francisco de Sales aceita claramente a idéia de uma elite cristã, à qual vale a pena dedicar de maneira especial tempo e cuidados. Foi para essa elite que escreveu. Mas, atenção! Não se trata absolutamente de uma espécie de “racismo” no seio da Igreja. Essa elite é

de caráter espiritual, e não social: é constituída somente pelo grau de amor, e não por posições de privilégio.

Francisco a procura em toda a parte: no mundo e nos conventos, no campo, na montanha e na cidade, entre padres e entre leigos, entre ricos e entre pobres e ignorantes. É suficiente ter um coração generoso capaz de amar. É suficiente ser *“philo-theós”*, ou *“theós-timo”*, ou seja, “devoto”, “enamorado de Deus”.

Uma observação inevitável: Francisco encontrou essas almas eleitas especialmente em muitas mulheres. Estimava-as muito, com elas se encontrava perfeitamente à vontade, sempre com reserva sorridente. E se preocupava vivamente com sua educação espiritual, contra a tradicional corrente antifeminista ainda dominante na época. Muitos contemporâneos o criticaram e acusaram de se ocupar somente com elas. Monsenhor Adriano Bourdoise, famoso pregador de Paris, um dia lhe diz:

– O senhor é bispo e só se ocupa com mulheres!

A resposta foi muito fina:

– Cabe aos ourives manejar o ouro, e aos oleiros manejar a terra.

Notamos ainda que, para ele, ocupar-se daquelas almas eleitas era uma maneira de conduzir a Deus, na caridade, todo o povo cristão. Os que de Deus receberam mais têm também o dever de dar mais aos seus irmãos, e de fazê-lo, por quanto possível, unidos entre si. Todos os *devotos* devem colaborar nesta elevação, qualquer que seja seu nível social, cada um trabalhando onde a Providência o colocou: o advento do Reino de Deus exige contribuição ativa de todos.

Francisco inscrevia os fiéis nas confrarias, e ele próprio fundou várias. Reuniu na Academia Florimontana os melhores intelectuais. Também nós, hoje, os convidamos a participar em movimentos apostólicos ou de vida evangélica.

Caminho de cada pessoa. Em concreto, é necessário levar em consideração o itinerário pessoal de cada um. Cada alma tem sua

história e seu segredo. É amada por Deus em todo momento. Deus a toma exatamente no ponto em que se encontra, para fazê-la dar passos para frente. Toda alma deve, pois, aceitar-se assim como é, e seu diretor espiritual deve tomá-la em seu caminho.

É fácil a tentação de englobar todas as almas na mesma situação e constrangê-las a caminhar todas com o mesmo passo, queimando etapas, impacientes por chegar à meta. Francisco de Sales nos lembra que cada alma tem sua graça, suas luzes, suas inspirações, conseqüentemente seu ritmo.

Toda a vida cristã é um itinerário onde se constata progressos e regressos, tempos de parada e de avanço, às vezes rápidos, às vezes lentos. O amor de Deus nos colhe na nossa história de criaturas em movimento. Também o diálogo entre Deus e a alma é uma história sempre pessoal, na qual opera o mistério insondável das predileções divinas. O importante é ir adiante e não estacionar na mediocridade.

III
Primazia do amor

Coração feito para Deus

VAMOS FOCALIZAR O PROBLEMA de fundo da vida espiritual segundo



São Francisco de Sales e precisar a natureza do amor que devemos viver, as leis que governam seu exercício e progressos, sua pedagogia e frutos.

Coração e amor. A substância do homem é o seu *coração*, feito para Deus. A doutrina espiritual de São Francisco Sales pode se resumir nas duas frases que lemos em *Teótimo*:

O homem é a perfeição do Universo, o espírito é a perfeição do homem, o amor a do espírito e a caridade a do amor. Eis porque o amor de Deus é o fim, a perfeição e a excelência do universo.

Se o homem pensa com um pouco de atenção na divindade, sente imediatamente como que uma doce emoção no coração, o que prova que Deus é o Deus do coração humano (I 15, 156).

Assim, Francisco coloca-se bem no centro do cristianismo, e compartilha as duas afirmações convergentes de São João e de Santo Agostinho: “Deus é amor” (1Jo 4,16) em si mesmo e na

procura do homem. E, “Fizeste-nos para vós, Senhor” (*Confissões*). O homem é feito para amar, há nele uma preparação secreta e uma expectativa profunda do amor de Deus. O próprio sentido do universo, da história humana e do destino de cada pessoa é o encontro amoroso entre Deus, que procura o homem, e o homem, que procura a Deus.

Dizia um velho monge: “Empreguei quarenta anos em procurar a Deus, e quando acreditei havê-lo encontrado, dei-me conta de que fora ele o primeiro a procurar-me”. A dificuldade, o drama é este: o homem pode desconhecer ou calar sua tendência mais profunda e procurar fugir para longe de Deus.

O coração e o amor: eis o nó vivo da doutrina salesiana. “O coração”, diz Francisco, “é sede e fonte do amor” (*Teótimo* I 10, 136). Referindo-se ao simbolismo do coração de carne que faz o corpo viver, diz que o coração profundo é a nossa livre capacidade de amar. Essa capacidade por si só é indiferenciada, pode aplicar-se a objetos que aviltam e a objetos que enobrecem.

Há, todavia, no nosso coração uma “região” reservada às relações com Deus: Francisco chama-lhe, como outros grandes especialistas de Deus, “o fundo do coração”, ou também “ponta da nossa alma, suprema ponta do nosso espírito” (*Teótimo* I 12, 149). Aí é que Deus faz sentir suas inspirações e moções. Em linguagem moderna, mais ou menos equivalente, poderíamos dizer que o fundo do coração é a consciência, vista no dinamismo das suas opções. É o homem na profundidade da sua personalidade singular.

Eis então o drama do homem: para qual objeto se orientará seu coração, sua capacidade de amar, de doar-se, de sair de si, de extasiar-se? É o mistério do nosso livre-arbítrio. Na psicologia salesiana, a liberdade é o poder da vontade racional de escolher seus amores. “A vontade”, escreve Francisco, “não ama senão porque quer amar e, entre muitos amores que se lhe apresentam, pode se fixar no que quiser” (*Teótimo* I 4, 113s). Com efeito, juízo e decisões devem conviver com as paixões e o apetite sensitivo e sensual: “no

fundo do coração”, precisamente onde se encontra Deus na fé, “se desencadeia a guerra, que experimentamos todos os dias”.

Perfeição do amor. Seria muito longo descrever aqui as formas e etapas da união do cristão com Deus. Francisco de Sales descreve-as servindo-se do simbolismo bíblico e tradicional do amor conjugal, e não deixa de comentar o *Cântico dos Cânticos*. Reage fortemente contra o hábito e a mecanização da vida, contra o primado do juridicismo: o cristianismo não é nada se não é antes de tudo um personalismo, uma vida de relação intimamente pessoal entre o fiel e o seu Deus vivo. “Devoção” ou “vida devota” é justamente isso.

A pobreza da vida espiritual de tantos cristãos deriva do fato de que lhes ensinaram a aderir a uma doutrina e a uma moral, e não primeiro que tudo a uma mística: amar o Amor infinito e dialogar com Ele, com maravilha sempre nova. As grandes etapas indicadas por Francisco são, antes do mais, o amor de complacência, de admiração pelas perfeições divinas: “Pai nosso, que estais nos céus”. Segue depois o amor de benevolência: “querer o bem” de Deus, desejar que seja santificado o seu Nome, que venha o seu Reino. Vem, por fim, o amor de submissão e de conformidade: querer que seja feita a vontade de Deus, e cumpri-la de verdade na própria vida.

Atingimos aqui a perfeição do amor, o sinal por excelência da sua autenticidade: crer em Deus, procurar a sua vontade, cumpri-la realmente, submeter-se ao seu beneplácito. É o amor transformante. Amar o que Deus ama, querer o que Deus quer significa preparar-se para dizer em toda a minha existência: “Não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20).

Fé traduzida em vida

A MÍSTICA DE FRANCISCO de Sales é, como dissemos, essencialmente



uma mística da ação cristã, da vida cristã. O coração, com efeito, é a própria pessoa nas suas opções profundas. Se o coração escolheu a Deus e se uniu a ele, o amor penetrará necessariamente todo o ser para lhe vivificar as múltiplas riquezas, e toda a vida concreta ficará impregnada do sobrenatural.

Francisco exaltou de modo particular a sensibilidade humana. Ela será perigosa se caminhar por conta própria, mas será preciosa se exprimir o amor autêntico. “Nosso santo”, escreverá madre Chantal, “não estava isento dos sentimentos e emoções das paixões, e não queria que se desejasse estar livres deles” (carta ao padre Jean de La Rivière). “Eu sou o homem mais afetuoso do mundo”, dizia de si mesmo. “Não há no mundo alma que ame com mais cordialidade, ternura... mais afetosamente que eu. Porque aprovou a Deus fazer meu coração assim.”

Francisco acrescenta que a caridade não suscita todas as outras virtudes na mesma medida. Prefere algumas, nas quais se manifesta mais explicitamente. Eis então o cortejo das virtudes evangélicas, sobre as quais escreveu páginas inesquecíveis, “que devem enriquecer

com suas qualidades os atos de todas as demais virtudes” (*Filotéia* III 1, 162). Devem-se preferir as virtudes mais conformes à nossa condição e aos deveres do nosso estado, “as melhores, não as que mais aparecem” (*Filotéia* III 1, 163): a humildade, “conhecimento da nossa pequenez e fraqueza”, virtude à qual dedica quatro capítulos da *Filotéia* (III 4-7); a doçura, que é a humildade diante do próximo e a flor da caridade fraterna (III, 8-9); a simplicidade. Depois vêm as “grandes virtudes” da obediência, castidade e pobreza.

O amor de Deus lança o coração humano na aventura de uma fé traduzida em vida. Na diversidade das situações e das virtudes, é preciso vigiar sobre este amor para conservá-lo e aperfeiçoá-lo, porque o amor garante o verdadeiro valor das nossas ações. É a importante doutrina da retidão do olhar, da purificação das intenções. Afirma Francisco:

Não é com a multiplicidade das coisas que fazemos que vamos adquirir a perfeição, mas sim com a perfeição e pureza de intenção com que as fazemos.

As grandes ações não se encontram sempre em nosso caminho, mas nós somos capazes, a cada momento, de realizar muito bem, ou seja, com grande amor, as pequenas. Veja, peço-lhe, aquele santo que dá um copo de água por amor de Deus ao pobre peregrino sedento. Faz pouco, pelo menos parece. Mas a intenção, a doçura, o amor com que anima sua ação é tão excelente, que muda aquele simples copo de água em água de vida, e de vida eterna (*Teótimo* XII 6, 877s).

Sofrer uma repreensão com dois gramas de amor é muito mais meritório que sofrer o martírio com um só grama de amor (*Conversações* 431).

Disciplinar o coração, não o corpo



TEM MAIS. É fácil constatar que essa doutrina, de tão sublime aparência, em nada renega as exigências evangélicas. Pelo contrário! É preciso observar como os santos sempre alegres, sorridentes e atraentes são mais exigentes que os outros: sua própria liberdade mostra que domaram da maneira mais vigorosa o homem velho. Melhor dizendo: é preciso ter confiança nos santos alegres, porque o amor que eles pregam leva a sacrifícios maiores. Amar é renunciar a si mesmo, e a renúncia total a si mesmo é uma exigência da própria totalidade do amor.

É significativo que um dos livros preferidos de São Francisco de Sales tenha sido *Combate espiritual*, do padre teatino Lourenço Scupoli. Sabia que a luta é necessária, mas renovou o espírito religioso transferindo a austeridade de fora para dentro: “É preciso disciplinar o coração, não o corpo”, dizia, eliminar toda busca de si mesmo. Isso supõe, de modo particular, fidelidade à oração, confissão freqüente e esforço constante de vigilância sobre si mesmo e sobre as próprias intenções. Mas, eis uma nova surpresa: para ter tal coragem não há outra coisa a fazer senão amar, e querer amar sempre mais.

A vida espiritual alimenta-se com o olhar continuamente fixo naquele que se ama, em Jesus crucificado. O humanismo devoto de Francisco de Sales é, no fundo, um humanismo “crístico”, centrado no homem-Deus, Jesus, perfeito homem e verdadeiro Deus, aspecto que será muito mais vigorosamente sublinhado pela escola francesa.

Francisco partilhou o pensamento de São Boaventura sobre o motivo da encarnação: Deus mandou seu Filho não somente para expiar o pecado, mas sobretudo para ter uma criatura a quem amar totalmente e pela qual ser totalmente amado. Os anjos e os homens, diz ele, foram criados “como para fazer companhia ao próprio Filho” (*Teótimo* II 4, 189), o primogênito da criação, com a tarefa fundamental de amar e louvar o Pai do céu.

Revestir-se de Jesus Cristo. Toda vida devota se inspira num profundo amor pessoal a Jesus Cristo. “Entre vós, não quis saber de nada, a não ser Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado” (1Cor 2,2). Francisco de Sales repetiu e comentou amplamente em seus escritos e discursos o grito de amor do apóstolo Paulo. Não se trata somente, segundo ele, de contemplar Jesus como o modelo perfeito e de se assemelhar a ele permanecendo no exterior. Mais que um modelo, Jesus é princípio e fonte viva.

O ato cristão por excelência é o de “revestir-se” de Jesus Cristo (Gl 3,27) mediante o poder do Espírito Santo. E se a totalidade do homem é o seu *coração* feito para Deus, a totalidade de Jesus Cristo é o seu Coração traspassado, do qual jorram o sangue da redenção e a água viva da vida eterna. Não há que se maravilhar, pois, que a grande devoção ao Coração de Jesus tenha sido despertada na Igreja num mosteiro de uma das Filhas de São Francisco de Sales em Paray-le-Monial, Margarida Maria Alacoque. O fundador havia preparado o terreno para ela.

IV
Dom Bosco e
Francisco de Sales

Encontro fecundo

AFINIDADES E DIFERENÇAS. Houve quem pusesse em relevo os con-



trastes exteriores entre os dois santos. Francisco, família nobre, rico, longos estudos superiores que o levaram a altos cargos, e o comportamento lento e grave. João Bosco: ambiente camponês, pobreza sofrida, estudos dramaticamente difíceis, e ao mesmo tempo vivacidade e desenvoltura sorridente.

Além disso sublinhou-se a santidade unitária, doce e natural de Francisco de Sales, à diferença da santidade surpreendente de João Bosco, constelada de milagres, visões e obras maravilhosas. São contrastes que saltam aos olhos, mas, no fim das contas, tornam-se elementos superficiais, sendo as afinidades e semelhanças mais numerosas e impressionantes.

Um primeiro fato, muito simples, mas no qual normalmente não se pensa, explica como Dom Bosco se ligou tão claramente a Francisco de Sales: naquele tempo eram conterrâneos. Francisco não nasceu na França, mas no ducado de Sabóia, e até o Tratado de Turim de 1860, pelo qual a Sabóia foi entregue à França, essa região pertencia ao grupo dos estados sardos, cuja capital, desde a metade do século 16, era Turim. Na época em que o jovem Bosco

se formou, Francisco de Sales figurava verdadeiramente como santo nacional. Clero e aristocracia propagavam-lhe o culto e as obras. O próprio Cavour e família se gloriavam de descender do tronco dos Sales.

Escolha fundamental. Dom Bosco começou a conhecê-lo e a amá-lo no seminário de Chieri, e depois no Colégio Eclesiástico de Turim, instituições postas sob a proteção dos santos Carlos Borromeu e Francisco de Sales. Ali se distinguia por ciência e santidade um homem impregnado de espírito salesiano, padre José Cafasso, que o iniciará no apostolado e será o seu confessor por vinte anos.

É provável que Dom Bosco tenha lido, nesse tempo, pelo menos *Introdução à vida devota*, uma vez que depois a recomendará a seus jovens nas primeiras páginas do *Jovem instruído* (1847). Não sabemos, porém, se leu outros escritos. De resto, ele não conheceu tanto sua obra de doutor e teólogo espiritual quanto globalmente sua figura de apóstolo cheio de zelo, que empregava o melhor método pastoral, o inspirado pelo amor. Com efeito, na vigília da sua ordenação sacerdotal, 5 de junho de 1841, toma como quarto propósito: “A caridade e a doçura de São Francisco de Sales me guiarão em tudo”.

Algum tempo depois escolhe como lema: “Dê-me as almas e fique com o resto” (Gn 14,21). Explicando o significado de tais palavras a Domingos Sávio, dirá, sem muita precisão, que eram palavras pronunciadas por São Francisco de Sales.

Nas *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*, o próprio Dom Bosco explica com muita clareza por que havia escolhido Francisco como patrono e modelo. É um texto importante, que merece ser reproduzido.

Em 1844 foi nomeado capelão adjunto das Obras da marquesa Júlia de Barolo. A marquesa concordou em colocar à sua disposição duas espaçosas salas, que foram transformadas na “primeira igreja

do Oratório”.

Começou a chamar-se de São Francisco de Sales por duas razões: primeira, porque a marquesa Barolo tencionava fundar uma congregação de sacerdotes sob esse título, e com essa intenção encomendara o quadro do santo que ainda hoje pode ser visto à entrada do mesmo local; segunda, porque como tal ministério exige grande calma e mansidão, havíamos-nos colocado sob a proteção desse santo, para que nos alcançasse de Deus a graça de imitá-lo em sua extraordinária mansidão e na conquista das almas. Outra razão era a de colocar-nos sob sua proteção, a fim de que do céu nos ajudasse a imitá-lo no combate aos erros contra a religião, especialmente do protestantismo, que começava a insinuar-se insidiosamente nos nossos povoados e assinaladamente na cidade de Turim.⁵

Texto revelador. Dom Bosco, sabemos, admirou também outros grandes santos que se destacaram no apostolado: Filipe Neri, Carlos Borromeu, Vicente de Paulo, Afonso de Ligório. Mas “preferiu” Francisco de Sales. Por intuição ou por raciocínio, viu que era o santo que melhor se afinava com sua alma e sua missão, o mais adequado a iluminá-lo e inspirá-lo na missão de sacerdote educador, aquele que sob tantos aspectos havia-se encontrado num idêntico contexto de dificuldades e cujo sucesso pastoral indicava com segurança o caminho a seguir. Procuremos compreender melhor tais afinidades entre o modelo e o discípulo.

⁵ São João Bosco, *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*. São Paulo, Editora Salesiana, 1982, pp. 105-106. No *Regulamento* de 1847, Dom Bosco falará em imitar Francisco “na sua caridade e maneira amável de tratar”, condição necessária para o bom êxito da obra educativa.

Afinidades entre dois santos

CONFORME ELE PRÓPRIO AFIRMOU, Dom Bosco foi atraído por dois



aspectos essenciais da figura moral e espiritual de Francisco de Sales: de um lado pela sua energia apostólica, zelo pela salvação dos irmãos, defesa da verdade, fidelidade à Igreja católica. De outro lado pela sua doçura evangélica no modo de desenvolver este zelo: maneiras atraentes, paciência, “mansidão extraordinária”. Mas a fonte viva desses dois modos de agir é, em ambos, uma convicção profundamente arraigada, igualmente firme e decidida: o amor é a totalidade de Deus e a totalidade do homem. Assim, podem-se reagrupar as afinidades entre os dois santos nos três pontos que seguem.

Pastores, antes de tudo. A primeira característica que tanto os aproxima é a solidez singular, em ambos, da própria identidade pastoral. Já lembramos que Francisco, antes de ser um intelectual, um escritor, um teólogo, foi essencialmente um bispo, preparado para tal cargo por quatro anos de sacerdócio heróico. Ele se consagrou totalmente e com todas as suas grandes e múltiplas capacidades para a responsabilidade e função de bispo, desprendido de si mesmo e

“doado” ao seu povo para sempre, como escreverá à baronesa de Chantal, a ponto de recusar qualquer outra dignidade.

Com zelo incansável dedicou-se a ensinar, a celebrar e santificar, a governar como bom pastor em proveito de todas as categorias dos seus diocesanos. Todos os seus escritos brotaram praticamente do seu episcopado. É como bispo que guiou no caminho da devoção tantas “Filotéias” e tantos “Teótimos” e fundou a Ordem da Visitação Santa Maria. E se consumiu, se dedicando por inteiro a essa atividade, em consonância com seu lema pastoral “Aprisionado por Deus, doado ao seu povo”.

Quanto a Dom Bosco, o sacerdócio, heroicamente preparado, encheu-lhe a vida e o definiu. Não quis jamais ser outra coisa que não sacerdote, em toda parte e sempre, mas carismaticamente orientado para os jovens, sobretudo os mais pobres. Não um educador que é também padre, mas um padre que exerce o sacerdócio na missão educativa. Como padre aproximou-se dos jovens para levá-los a Jesus Cristo e à vida eterna. Como padre fundou as três famílias dos seus colaboradores e discípulos e lançou-se à aventura missionária. Também ele viveu e se desgastou pelo zelo incansável.

No coração dos nossos dois santos ardia a mesma paixão pelas almas, a mesma caridade pastoral, que deu a ambos o gosto do apostolado direto e criativo. Pensemos apenas na cansaça de suas incontáveis viagens. Francisco ia a cavalo ou no lombo de um jumento ou mesmo de carruagem. João Bosco, nas “diligências” ou nos trens incômodos daqueles tempos.

Ambos são infatigáveis anunciadores da Palavra, com uma linguagem simples, criativa, popular, ambos catequistas convictos, ambos escritores fecundos, embora em gêneros diversos. Ambos passaram longas horas no confessionário, na direção espiritual, marcada por santa amizade e preocupada em educar e dirigir cristãmente: cada um na própria vocação. Ambos foram fundadores e formaram santos.

Bispo ou padre, ambos amaram e serviram à Igreja, empenhados sempre em defender-lhe a doutrina, apoiar os pastores, venerar o sucessor de Pedro, não raro em contextos difíceis. E mais de uma vez pagaram sua fidelidade e obediência em meio a contrastes e duros sofrimentos. Mais: ambos foram envolvidos na política de sua terra e do seu tempo, e sempre, em situações delicadas, mantiveram-se abertamente verdadeiros ministros de Cristo.

Observamos ainda: esses dois grandes homens de ação, que realizaram tantos projetos, quase sempre com sucesso, não tinham necessidade da atividade para se destacarem. Quem os conheceu, ao contrário, sempre se impressionou com a calma interior de ambos, com a igualdade de humor, a tranqüilidade sorridente, a capacidade de tomar as coisas uma após a outra, sem outra tensão que não a do amor de Deus, a quem desejavam servir.

Os obstáculos não os desanimaram: a fidelidade manifestava-se na paciência, não resignada, mas ativa. Não cessaram de irradiar em torno de si a serenidade e a “paz de Deus”, que, segundo São Paulo, “supera todo entendimento” (Fl 4,7).

Humanismo otimista. Em 1939, numa esplêndida conferência sobre os nossos dois santos, monsenhor Lavallée, reitor das Faculdades Católicas de Lião, na França, expressou assim sua maneira de aprender a afinidade de ambos: “Tentar a experiência do efeito milagroso da caridade sobre os males que afligem a humanidade, eis o pensamento comum que estabelece o parentesco entre Francisco de Sales e João Bosco”.

Francisco no século 16, João Bosco no 19, encontraram-se diante de uma época de crise cultural, social e religiosa. Reforma, Renascimento e Concílio de Trento o primeiro. Ressurgimento e início da era industrial o segundo. Os dois se opuseram ao pessimismo protestante ou jansenista com uma visão do homem e da história decididamente otimista e aberta ao futuro.

E isto porque, divinamente inspirados, puseram no centro de suas convicções a realidade mais positiva e mais decisiva que existe: o Amor, que é a totalidade de Deus e deve tornar-se a totalidade do homem:

Deus é amor... o amor vem de Deus... amemo-nos, porque ele nos amou primeiro... Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei... Quem ama permanece em Deus e Deus permanece nele... Se não tenho a caridade não sou nada... A caridade é paciente, benigna... tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais terá fim (cf. 1Jo 4, *passim*; Jo 15,12; 1Cor 13,4.7-8).

Os dois santos nunca deixaram de meditar e viver essas palavras. Francisco de maneira mais reflexiva, Dom Bosco de maneira mais intuitiva. Francisco foi chamado, ao lado de Santo Agostinho, o “doutor do amor”. E Dom Bosco foi definido por Pio XI “gigante da caridade”.

O Deus que adoram e anunciam é o Pai cheio de ternura misericordiosa, e é Jesus, o bom pastor que dá a vida pelas suas ovelhas. *Tratado do amor de Deus* narra a história desse paciente amor divino. E será através de uma visitandina, Margarida Alacoque, que Cristo revelará o seu coração.

Dom Bosco ensinava aos seus jovens: “Vós sois a delícia e o amor daquele Deus que vos criou, e vos criou para a vossa felicidade” (cf. *Jovem instruído*, segunda meditação). E seu último trabalho será o de reconstruir em Roma uma igreja dedicada ao Sagrado Coração, como para proclamar que toda a sua obra não tinha querido ser senão uma expressão da caridade divina.

E o homem? Os dois santos vêem-no decididamente como “orientado para Deus”, destinado à alegria eterna, capaz de responder seriamente ao seu amor. A substância do homem é o seu coração, e sua vocação é amar. O sentido do universo, da história e de cada destino pessoal é o encontro afetuoso de Deus, que procura

o homem, com o homem, que procura Deus. Desse amor jorra a abertura de si ao encontro fraterno.

A substância da educação é, pois, iniciar no verdadeiro amor. Começamos a ser salvos quando começamos a amar, e para amar não há necessidade de esperar ocasiões extraordinárias: amar é possível em toda parte, sempre, nos deveres e nos encontros cotidianos.

Método comum. Para os dois santos a caridade não é somente a origem e o fim. Torna-se o método do amor pastoral, meio por excelência e forma do apostolado. O bispo, o padre, o educador devem primeiramente amar “com atos e de verdade” (1Jo 3,18) aqueles aos quais são enviados. Antes de ser ação, o apostolado é relação pessoal de amor. Toda atividade não sugerida pelo amor destina-se ao fracasso. Tal convicção sugeria a Francisco de Sales e a Dom Bosco comportamentos tipicamente salesianos.

Antes do mais há, em ambos, o chamado *humanismo* ou otimismo, a confiança radical no homem e suas capacidades naturais e sobrenaturais. Finos conhecedores do homem, exaltaram os valores e as virtudes humanas, abriram espaço à afetividade, à alegria, à cultura, ao progresso.

Acreditaram profundamente na utilidade e no valor da ação. Convencidos de que toda pessoa é educável, apelaram ao máximo para seus dotes interiores: inteligência, liberdade, coração, fé (“razão, religião, bondade”, dirá Dom Bosco), com a paciência que sabe esperar e recomeçar.

Há depois, no bom pastor que ama suas ovelhas e procura fazer-se amar por elas para mais facilmente levá-las a Deus, todo um estilo de relação, que Dom Bosco condensou no famoso termo “*amorevolezza*”: o infinito respeito por todos, também pelo mais pobre e pelo menos simpático. O primeiro passo dado para uma aproximação acolhedora e sorridente, a bondade que procura humildemente causar prazer, o bom humor, uma paciência infinita

e a tolerância dos defeitos e da ingratidão, o convite à amizade. Dessa maneira, Francisco de Sales e Dom Bosco despertaram em torno de si extraordinária simpatia durante toda a sua vida. Na galeria dos santos figuram nos primeiros lugares entre os que são atraentes e amados por todos (basta pensar nos “triumfos” que ambos mereceram em Paris).

Outro aspecto de seu “método da caridade” é o realismo somado à audácia. O verdadeiro amor não é romântico, mas realista, cheio de sabedoria prática. Ama o outro tal como é, e procura dar-lhe aquilo de que tem necessidade hoje. Adapta-se.

Tanto Francisco de Sales como Dom Bosco fizeram uma apologética popular. Na pregação e nos escritos expressaram um pensamento equilibrado, usaram palavras simples, linguagem criativa, estilo concreto e florido. Não pretenderam de seus ouvintes uma santidade imediata ou rígida. Ensinaram uma ascese moderada, decididamente concreta e prática, e instilaram o sentido da fidelidade cotidiana. Ambos tornaram-se logo ótimos conselheiros.

Tudo isso não os impediu de serem, sempre, movidos pelo amor, “modernos” e audazes no seu método, a ponto de tranqüilamente fazer discutir, em muitos pontos, o modo de pensar e de agir dos seus contemporâneos. Francisco, missionário no Chablais, serve-se de manifestos e folhetos enfiados por debaixo das portas, pelo que será um dia proclamado padroeiro dos jornalistas. Dom Bosco lançou-se na imprensa popular com grande coragem, e um dia será escolhido como padroeiro dos editores católicos. Hoje poderiam, os dois, ser escolhidos como padroeiros da comunicação social, tanto acreditaram no seu valor e no progresso de suas fórmulas. É só pensar nas dezenas de edições que tiveram em vida suas obras mais importantes.

Mas é a globalidade do seu apostolado que é marcado pela audácia. Tanto a fundação da Visitação como a da Pia Sociedade Salesiana surpreenderam as autoridades romanas, e o lançamento das missões salesianas poderia parecer, do ponto de vista humano, uma loucura.

V
Nas trilhas de um santo

Doutor do amor



EM 1923, O PAPA PIO XI declarou São Francisco de Sales “doutor da Igreja e patrono dos escritores e jornalistas”. Seus escritos alcançam, ainda hoje, toda sua força espiritual. Seu segredo? Pode-se dizer que soube colocar toda a sua formação humanístico-teológica – estudou nos melhores colégios e universidades da sua época – a serviço do seu povo. Escreve fácil, com clareza, sem rodeios. Quer ser entendido por todos.

Outro segredo. O bispo de Genebra não propõe um caminho espiritual para poucos, nem um único caminho. Entende que cada um, no seu estado de vida, no trabalho que exerce, pode aspirar à santidade. E, para isso, sugere, não práticas impossíveis, mas passos que todos possam trilhar.

Por fim, o amor, seu terceiro segredo. Em sua visão, nenhum obstáculo pode ser mais forte do que a união entre Deus e o ser humano. É significativo que o douto bispo, vivendo em uma época de rígidos princípios morais, tenha se utilizado do *Cântico dos Cânticos* e de sua linguagem “mundana” para falar de temas espirituais.

Os três textos a seguir foram tirados de suas duas obras principais: *Introdução à vida devota* e *Tratado do amor de Deus*.⁶ Apresentam algumas pinceladas desse grande painel espiritual, que persiste em ser atual e desafiador, para homens e mulheres do século 21.

Santidade para todos! A devoção deve ser praticada de diversos modos, pelo cavalheiro, pelo operário, pelo trabalhador, pelo príncipe, pela viúva, pela solteira e pela esposa. Isto não basta. É necessário que a prática da devoção seja adaptada às forças, às ocupações e aos deveres de cada um em particular.

Dize-me, ó Filotéia, seria conveniente que um bispo procurasse a solidão como os cartuxos? E que as pessoas casadas não quisessem aumentar sua fortuna, como os capuchinhos? E que o trabalhador freqüentasse a igreja com tanta assiduidade quanto o religioso no ofício coral? E que os religiosos se dedicassem continuamente a encontros de toda espécie em favor do próximo, como o bispo? Essa devoção não seria ridícula, desregrada e intolerável? No entanto, com freqüência se cai nesse erro absurdo.

Não, Filotéia! A devoção, se for verdadeira e sincera, não estraga nada. Ao contrário, leva as coisas à perfeição. E se, às vezes, não se coaduna com a legítima vocação de alguma pessoa, então, sem dúvida, é devoção falsa.

A abelha tira o mel das flores sem feri-las, mas deixando-as íntegras e frescas como as encontrou. A verdadeira devoção faz ainda melhor, pois que não somente não estraga nenhuma vocação e ocupação, mas, ao contrário, agrega-lhes beleza e valor. Com ela, de fato, governa-se a família com mais serenidade, com ela o amor entre marido e mulher torna-se mais sincero. É mais fiel a submissão à autoridade. Com ela, cumprem-se todas as obrigações de modo mais suave e mais amável.

⁶ Em português, *Filotéia ou Introdução à vida devota*. Tradução: frei João José P. de Castro. 13ª edição. Petrópolis, Vozes, 1999. *Tratado do amor de Deus*. 2ª edição. Petrópolis, Vozes, 1996.

É um erro, antes, uma heresia, querer excluir a vida devota da caserna dos soldados, das oficinas dos artesãos, da corte dos príncipes, da casa dos casados. Sim, é verdade, caríssima Filotéia, a devoção puramente contemplativa, monástica e religiosa, não pode ser exercitada nesses empregos e nessas situações. Mas é também verdade que, além destas três formas de devoção, há ainda outras, aptas a aperfeiçoar os leigos nos seus diferentes estados de vida.

Em qualquer estado em que nos encontremos, pode-se e se deve aspirar à vida perfeita (*Filotéia* I, 3).

Economia e espiritualidade. Grande diferença há entre os cuidados dos negócios e a inquietação, entre a diligência e a ansiedade. Os anjos procuram a nossa salvação com o maior cuidado que podem, porque isto é segundo a sua caridade e não é incompatível com a sua tranqüilidade e paz celestial. Mas, como a ansiedade e a inquietação são inteiramente contrárias à sua bem-aventurança, nunca as têm por nossa salvação, por maior que seja o seu zelo.

Dedica-te, Filotéia, aos negócios que estão ao teu encargo, pois Deus, que os confiou a ti, quer que cuides neles com a diligência necessária. Mas, se é possível, nunca te entregues ao ardor excessivo e ansiedade. Toda inquietação perturba a razão e nos impede de fazer bem aquilo mesmo por que nos inquietamos.

Reprendendo Nosso Senhor a Santa Marta, lhe disse: “Marta, Marta, tu andas muito inquieta e te embaraças com o cuidar em muitas coisas”. Toma sentido nestas palavras, Filotéia. Se ela tivesse tido um cuidado razoável, não se teria perturbado. Mas ela muito se inquietava e perturbava e foi esta a razão por que Nosso Senhor a repreendeu.

Os rios que coleiam suave e tranqüilamente através dos campos levam grandes botes com ricas mercadorias, e as chuvas brandas e moderadas dão fecundidade à terra; ao passo que os rios e torrentes, que se precipitam em borbulhões, arruínam e desolam tudo, sendo inúteis ao comércio, e as chuvas tempestuosas assolam os campos e os prados. Na verdade, obra alguma feita com precipitação saiu

jamais bem-feita.

Cumpra apressar-se devagar, conforme diz o antigo provérbio. E Salomão escreveu: Quem corre depressa se arrisca a cair a cada passo. Sempre fazemos a tempo o que tínhamos que fazer se o fizermos bem. Os zangões fazem muito barulho e são mais apressados que as abelhas, mas só fabricam a cera e não o mel; assim, quem em seus trabalhos faz muito ruído e se inquieta demasiado pouco consegue e isso mesmo malfeito.

As moscas nos importunam por sua multidão e não por sua força. Os grandes trabalhos não nos perturbam tanto como os pequenos em grande número. Enceta, pois, os trabalhos com o espírito tranqüilo, como vão vindo, e despacha-os segundo a ordem em que se apresentam. Se quiseses fazer, pois, tudo ao mesmo tempo e em confusão, farás demasiados esforços, que te consumirão, e de ordinário nenhum outro efeito obterás que um abatimento completo, em que sucumbirás.

Em todos os teus negócios, confia unicamente na Providência divina, que só lhes pode dar um bom êxito. Age, no entanto, de teu lado, com uma aplicação razoável e prudência, para trabalhares sob a sua direção. Depois disso, crê-me que, se confias em Deus, o resultado será sempre favorável a ti, seja que o pareça ou não ao juízo de tua prudência.

Na conservação e aquisição dos bens terrestres, imita as crianças que, segurando-se com uma mão na mão de seu pai, com a outra se divertem em colher frutos e flores. Quero dizer que te deves conservar continuamente debaixo da dependência e proteção de teu Pai celeste, considerando que ele te segura pela mão, como diz a Sagrada Escritura, para te conduzir felizmente ao termo de tua vida e voltando de tempos em tempos os olhos para ele, a ver se tuas ocupações lhe são agradáveis.

Toma principalmente cuidado que a cobiça de ajuntar maiores bens não te faça largar a sua mão e negligenciar a sua proteção, porque, se ele te abandonar, não poderás mais dar um passo sequer que não

caias com o nariz no chão.

Assim, Filotéia, nas ocupações ordinárias que exigem muita atenção, pensa mais em Deus que em teus negócios, Se forem de tal importância que ocupem toda a tua atenção, nunca deixes de levantar de vez em quando os olhos para Deus, como os navegantes que, para dirigirem o navio, mais olham para o céu que para o mar. Fazendo assim, Deus trabalhará contigo, em ti e por ti e teu trabalho te trará toda a consolação que dele esperas (*Filotéia* 3, 10).

Como beijo de esposos. O grande Salomão descreve com feição deliciosamente admirável os amores do Salvador com a alma devota, nessa divina obra que, pela sua excelente suavidade, chamamos o *Cântico dos Cânticos*.

E, para nos elevar mais docemente à consideração desse amor espiritual que se exerce entre Deus e nós, pela correspondência dos movimentos de nossos corações com as inspirações da sua divina majestade, ele emprega uma perpétua representação dos amores de um casto pastor com uma pudica pastora. Ora, fazendo falar em primeiro a esposa, como à maneira de uma certa surpresa de amor, fá-la exprimir primeiro este anelo: “Beije-me ele com um beijo da sua boca!” (Ct 1,1).

Vedes, Teótimo, como a alma, na pessoa dessa pastora, pelo primeiro anelo que exprime, não pretende senão uma casta união com seu esposo, como que protestando ser esse o único fim a que aspira e pelo qual respira. Porquanto, pergunto-vos, que outra coisa quer dizer esse primeiro suspiro: “Beije-me ele com um beijo da sua boca?”.

Em todos os tempos, como por instinto natural, o beijo foi empregado para representar o amor perfeito, isto é, a união dos corações, e não sem causa. Nos olhos, nas sobrancelhas, na fronte e em todo o resto do rosto nós fazemos sair e aparecer as nossas paixões e os movimentos que nossas almas têm em comum com os animais. “Conhece-se o homem pelo rosto” (Ec 29,26), diz a Escritura. Aristóteles, dando

a razão pela qual de ordinário se pinta somente a face dos grandes homens, diz: “É porque o rosto mostra o que somos”.

No entanto, nem os nossos discursos nem os pensamentos que procedem da porção espiritual de nossas almas a que chamamos razão e pela qual somos diferentes dos animais, nós não os derramamos senão pelas nossas palavras, e, por conseguinte por meio da boca. De tal arte que entornar sua alma e derramar seu coração outra coisa não é senão falar: “derramai diante de Deus vossos corações” (Sl 61,9), diz o salmista. Isto é, exprimi e pronunciai por palavras os afetos de vosso coração.

E a devota mãe de Samuel, pronunciando suas preces, embora tão suavemente que a custo se lhe via o movimento dos lábios, diz: “Derramei minha alma diante de Deus”. Destarte, a gente aplica uma boca à outra quando se beija, para testemunhar que quereria verter as almas uma dentro da outra reciprocamente, para as unir de uma união perfeita.

Por isso que, em todo tempo e entre os mais santos homens do mundo, o beijo tem sido o sinal do amor e dileção. Por isso também foi ele empregado universalmente entre todos os primeiros cristãos, como o grande São Paulo testemunha quando diz aos romanos e aos coríntios: “Saudai-vos mutuamente uns aos outros pelo santo ósculo”. Como vários testemunham, Judas na prisão de Nosso Senhor empregou o beijo para o fazer conhecer, porque esse divino Salvador beijava comumente seus discípulos quando os encontrava.

E não somente seus discípulos, mas também as criancinhas, que ele tomava amorosamente nos braços, como fez àquela por cuja comparação convidou tão solenemente seus discípulos à caridade do próximo. Vários pensam ter sido ela São Marçal, como o bispo Jansênio o refere.⁷

Assim, pois, sendo o beijo sinal vivo da união dos corações, a esposa, que em todas as suas diligências só pretende é estar unida com o seu bem-amado, diz: “Beije-me ele com um beijo da sua boca”. Como

⁷ Jansênio, bispo de Gand, no seu comentário sobre o Evangelho de São Marcos.

se exclamasse: “tantos suspiros e dardos inflamados, que meu amor lança incessantemente, não impetrarão jamais aquilo que minha alma deseja? Eu corro; oh! Então nunca alcançarei o prêmio pelo qual me esforço, que é estar unida coração a coração, espírito a espírito, com meu Deus, meu esposo e minha vida? Quando será que derramarei minha alma no seu coração, e que ele verterá seu coração dentro de minha alma, e que, assim, ditosamente unida, viveremos inseparáveis?”.

Quando o espírito divino quer exprimir um amor perfeito, quase sempre emprega as palavras união e conjunção. Na multidão dos crentes, diz São Lucas, não havia senão um coração e uma alma (At 4,32). Nosso Senhor rogou a seu Pai por todos os fiéis, a fim de que eles fizessem todos uma mesma coisa (Jo 17,2). São Paulo adverte-nos de que sejamos cuidadosos de conservar a unidade de espírito pela união da paz.

Essas unidades de coração, de alma e de espírito significam a perfeição do amor, que junta várias almas numa. Assim é dito que a alma de Jônatas estava colada à alma de Davi. Conforme a Escritura acrescenta, ele amou Davi como sua própria alma. O grande apóstolo da França⁸ tanto segundo o seu sentimento próprio como referindo o do seu Hiroteu, escreve: “eu penso cem vezes num só capítulo dos Nomes divinos, que o amor é unitivo, unindo, ajuntando, estreitando, recolhendo e reduzindo as coisas à unidade. São Gregório de Nazianzo e Santo Agostinho dizem que seus amigos tinham uma só alma com eles. Aristóteles, aprovando já no seu tempo essa maneira de falar, diz: “quando queremos exprimir o quanto amamos os nossos amigos, dizemos: a alma dele e a minha alma é uma só. O ódio nos separa, o amor nos une”. O fim, pois, do amor não é outra coisa senão a união do amante à coisa amada (*Tratado do amor de Deus* I, 9).

⁸ São Dionísio Areopagita.

Família Salesiana hoje

NO MUNDO. A Família Salesiana foi idealizada pelo próprio Dom



Bosco. Compreende hoje 48 grupos que, cada um com características próprias, adotam sua espiritualidade. Há 21 grupos que pertencem à Família Salesiana, e outros 27 que solicitaram o reconhecimento oficial.

Os Salesianos de Dom Bosco (SDB) são pouco mais de 17 mil, distribuídos pelos cinco continentes. Mais de mil trabalham em 41 nações africanas, presentes em 159 obras, realização do Projeto África.

As Filhas de Maria Auxiliadora (FMA), fundadas por Dom Bosco com a colaboração de Santa Maria Domingas Mazzarello, também são mais de 17 mil. Constituem por toda a parte, juntamente com os Salesianos, uma presença dinâmica e qualificada de pastoral juvenil.

As Voluntárias de Dom Bosco (VDB) são cerca de 1.300. Fundadas pelo padre Filipe Rinaldi, hoje beato, constituem um instituto secular de leigas consagradas.

Os Cooperadores Salesianos são leigos e sacerdotes que vivem o Evangelho no mundo segundo o espírito de Dom Bosco, a serviço

dos jovens e da Igreja local.

Os numerosíssimos Ex-alunos salesianos pertencem de direito à Família Salesiana pela formação recebida. Como associação estão organizados em confederação mundial.

A pastoral conta com a colaboração dos leigos e dos próprios jovens, unidos no Movimento Juvenil Salesiano (MJS).

Ponto de encontro da Família Salesiana é o *Boletim Salesiano*, revista fundada por Dom Bosco em 1877, publicada hoje em 52 edições nacionais.

No Brasil. Os primeiros salesianos chegaram em 1883, em Niterói, Rio de Janeiro. Hoje, a Família Salesiana se encontra espalhada por todo o território.

São mais de 790 salesianos, entre padres e irmãos leigos. As Filhas de Maria Auxiliadora, irmãs salesianas, mais de 940. Os Cooperadores formam um batalhão de mais de 1.500 pessoas, homens e mulheres, casados e jovens. Milhares são os colaboradores, educadores, professores, instrutores, benfeitores, ex-alunos.

As obras, presentes em quase todos os estados, atendem crianças, jovens e adultos. São oratórios, escolas, paróquias, centros profissionais, trabalho entre os povos indígenas, casas de acolhida de meninos e meninas, universidades, trabalho em CEBs. Na variedade dos serviços, o mesmo carisma. Para o bem da juventude.

Hino a São Francisco de Sales⁹

Suba um hino de glória a Francisco,



dos irmãos tão felizes do céu
e de nós, peregrinos na terra.

No calor dos teus anos primeiros
renunciaste à glória mundana
para seguir o Mestre e Senhor.

Consagrado pastor de uma grei,
reúnes os dispersos errantes,
conduzindo-os de Cristo ao redil.

Com indômita e santa coragem,
tu buscavas os filhos perdidos
pra levá-los a Cristo Senhor,

e difundes a luz da verdade,

admirável e santo doutor.

⁹ Conferência das Inspetorias Salesianas do Brasil, *Em diálogo com o Senhor: guia à oração dos Salesianos de Dom Bosco*. São Paulo, Editora Salesiana, 1998, p. 260.

nos chamando a gloriosas conquistas.

Lá do alto intercede, ó Francisco:
que teus filhos prossigam contentes
no caminho que pra eles traçaste.

Ó Jesus, ó Pontífice sumo,
a ti glória por todos os séculos
com o Pai e o Espírito. Amém.

Cronologia de São Francisco de Sales

1567 – Nasce, em 21 de agosto, no castelo de Sales, na Savóia. Sua mãe



Francisca de Sionnas, conhecida como senhora de Boisy, e seu pai Francisco.

- 1573 – Começa seus estudos, primeiro no colégio La Roche, depois no colégio capuchinho de Annecy.
- 1575 – Recebe a primeira eucaristia e é crismado na Igreja de São Domingos, em Annecy.
- 1578 – Desejando fazer-se padre, recebe a tonsura.
- Em setembro, vai para Paris, para continuar os estudos. É destinado ao colégio de Clermont, dirigido pelos jesuítas. Estuda latim, grego, dança, esgrima, equitação, filosofia e teologia.
- 1584 – Assiste ao curso sobre *Cântico dos Cânticos*, dado por Gilbert Genebrand, professor de hebraico. Esse livro marcará profundamente sua espiritualidade.
- 1588 – Volta para Sales, mas por pouco tempo. Seu pai o envia à Universidade de Pádua, para estudar direito. Ao mesmo tempo, estuda teologia com o jesuíta Antônio Possevin.
- 1589 – Padre Lourenço Scupoli publica *Combate espiritual*, que influenciará a espiritualidade de Francisco.

- Carlos Emanuel I, duque de Sabóia, conquista, pelo tratado de Nyon, a região do Chablays, dominada pelos protestantes. O duque tenta colocar cinquenta párocos nas várias igrejas da região, mas foram expulsos pelos calvinistas.
- 1591 – Em 5 de setembro obtém o doutorado e torna-se advogado.
- 1593 – É nomeado deão do cabido de Genebra, e no dia 18 de dezembro é ordenado sacerdote.
- 1594 – Francisco parte para os Chablays, levando seu primo, Luís de Sales, e nas mãos uma Bíblia e um catecismo. De início, poucos católicos ouvem os seus sermões. Utiliza-se também de folhetos, distribuídos nas casas.
- 1596 – Francisco celebra a missa de Natal para uma igreja repleta de católicos convertidos.
- 1597 – Em abril, encontra-se com Teodoro Beza, sucessor de Calvino. Discutem questões religiosas. Encontrar-se-á com eles ainda outras vezes.
 - Nos dias 8 e 9 de setembro celebram-se as Quarenta horas de Annetmasse, às portas de Genebra. Frei Querubim, franciscano, o ajuda. O povo de toda a região acorreu para receber as indulgências.
- 1599 – Vai a Roma e se encontra com o papa Clemente VIII.
- 1601 – Celebra-se o Tratado de Lião, pelo qual a França retomou os territórios de Gex e Bugey, protestantizados.
- 1602 – É consagrado bispo coadjutor. Vai a Paris negociar o restabelecimento do culto católico em Gex. Lá, prega ao rei e sua corte. Inicia seu trabalho de direção espiritual com Bárbara Acarie (bem-aventurada Maria da Encarnação), Pedro de Berulle e outros.
 - Em 8 de dezembro é nomeado bispo titular de Genebra.
- 1603 – Celebra-se o sínodo diocesano. Institui, também, os catecismos a serem utilizados na sua diocese.
- 1604 – Prega a Quaresma em Dijon. Lá, conhece baronesa de Chantal, viúva, mãe de quatro filhos. Em 24 de agosto se encontram, e começa uma esplendorosa amizade.
- 1605 – Francisco faz visitas pastorais a todas as paróquias da sua diocese,

mesmo às mais distantes e difíceis.

- 1607 – Funda, com Antônio Favre, a Academia Florimontana. Aí se davam aulas de teologia, filosofia, retórica, cosmografia, geometria, aritmética.
- 1609 – Publica *Introdução à vida devota*. Em dez anos, foram publicadas mais de quarenta edições na França, com tradução em quase todas as línguas da Europa.
- 1610 – Madre Maria Chantal e outras duas religiosas, tomam posse da pequena casa da Galeria, onde teve início a ordem da Visitação.
- 1616 – Publica *Tratado do amor de Deus*. São Vicente de Paulo vai chamar essa obra de “imortal”.
- 1618 – É chamado a Paris para ajudar nas negociações para o casamento do irmão do duque da Savóia com Cristina de França, irmã de Luís XIII. Suas pregações são disputadas por todos, inclusive pela corte real.
- 1622 – Vai a Avinhão para se encontrar com Luís XIII. Na volta, em Lião, tem um ataque apoplético e morre, no dia 28 de dezembro.
- 1665 – Papa Alexandre VII, no dia 19 de abril, o declara santo.
- 1923 – Em 26 de janeiro, o papa Pio XI declara São Francisco de Sales “doutor da Igreja e patrono de todos os escritores”.